



PRICE, NEIL. *VIKINGS: A HISTÓRIA DEFINITIVA DOS POVOS DO NORTE*; TRADUÇÃO: RENATO MARQUES DE OLIVEIRA. SÃO PAULO: EDITORA PLANETA DO BRASIL, 2021. 640 P..

RESENHA DE LIVRO

JHONATHAN WILLIAM HECKLER¹

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Geral e específico. Múltiplo e singular. São adjetivos possíveis de serem empregados em referência a obra de *Niel Price*. É assim que o autor escreve e apresenta o livro *A história definitiva dos povos do norte* (2021), demonstrando que a obra tem como objetivo esclarecer, desmistificar, aprofundar, refletir e outros infinitivos que a leitura e *Price* nos oferecem. Observar e estudar uma cultura de natureza majoritariamente oral não é tarefa fácil, o autor sibila esse percalço analítico direta e indiretamente ao longo do texto, no entanto, consegue articular novos conceitos, construtos, ideias e tudo mais que circundam os estudos escandinavos.

Niel Price possui um lastro bibliográfico consistente acerca das temáticas e dos estudos que concernem os *vikings*, a Escandinávia e outros domínios que estão relacionados diretamente com estes grupos. Sendo assim, coloca-se como uma referência mundial aos que se aventuram nesse tema, possuindo uma produção prolífica, erudita e versada que dialoga com vários campos próximos à História, mostrando, dessa forma, a possibilidade de diálogos transversais ao se analisar tais grupos. Embora seja largamente conhecido na ciência histórica, o autor tem sua formação na área da arqueologia, conhecimento que faz seus trabalhos possuírem uma roupagem interdisciplinar, destacando-se alguns como: *The viking Word* (2011) e *The Viking way* (2019). Na obra analisada em

¹ Graduado em História pela UNESPAR de União da Vitória, é aluno do curso de Mestrado em História da UFPR, integrante da linha de pesquisa Cultura e Poder e é orientado pelo Prof. Dr. Renan Frighetto.

questão, arqueologia, filologia, toponímia, numismática e literatura, *Price* oferta ao leitor uma nova dinâmica de abordagem sobre as agências dos grupos setentrionais entre o século V ao XI EC.

Estruturado de maneira instigante, à conduzir nos por uma longuíssima duração, e com isso, ao mesmo tempo, buscando articular as alterações estruturais, conjunturais e os eventos dentro do recorte, o autor divide a obra em três grandes eixos. Isso oferece a percepção desse movimento articulando os múltiplos arcos duracionais. Provocador, ao longo da obra vemos desconstruções de mitos e crenças que ganharam consistência no imaginário comum, sobretudo através das representações *a posteriori* ao período debatido, ou ainda, caminhamos pelo tensionamento dos estereótipos que ainda estão sob o guarda-chuva da indústria cultural. É assim que *Price* conduz, provocando, desconstruindo, reexplicando, aprofundando, refletindo sobre o mundo escandinavo em sua amplitude.

Com um mito de origem, buscando na cosmogonia escandinava um ponto de partida, *Price* começa a obra com o nome do prólogo – Madeira flutuante – assegurando assim, a compreensão sobre o que pode ser visto como um primeiro condicionante da organização e composição do mundo e dos *modus vivendi e operandi* dos grupos do norte. Ato criador que pautou o cotidiano de homens e mulheres por alguns séculos. Após utilizar a cosmogonia, visualizamos os ensejos por parte do autor em mostrar as possibilidades, necessidades e dificuldades que existem em meio ao trabalho com estes grupos, sobretudo, pela predominância supracitada da transmissão oral das culturas nórdicas.

Desde a introdução, vemos tal reconhecimento sobre os percalços se imporem, com vista a comunicar aos que lerão sobre não ser tarefa fácil o estudo e compreensão desses agentes pela via científica, pois mesmo através dela os métodos e a exigência são densos. Antes de adentrar a temática e seus capítulos, o autor atenta que a cultura material e a utilização da arqueologia devem vir acompanhada, fazer-se aliada da História, defesa reiterada ao longo dos dezoito capítulos e que tributa, de certa forma, as suas origens formativas. É arrogando-se dessa afirmação que ele atenta: as sagas e *Eddas* são produções posteriores ao recorte que convencionalmente é estudado, não são menos importantes, mas não podem ser observadas despidas da complementação das demais ciências e áreas dispostas como a filologia, toponímia e outras, uma vez que as fontes literárias levantam dificuldades ao mesmo tempo que esclarecem.

O primeiro eixo chama-se ‘A criação de *Midgard*’. Dividido em oito capítulos, *Price* busca compreender a relação do sistema de crenças dos nórdicos com os aspectos práticos da vida cotidiana, dito de outra forma, o autor enseja através da investigação histórica-arqueológica que a significação

diária estava em relação com os deuses. De quebra, utilizando comparações, vemos que a binaridade presente em algumas religiões modernas não compunham o sistema de crenças desses agentes. O divino e o material se relacionavam com a *hugr* (seria a alma, subjetivo, o indivíduo) e suas quatro camadas sob outra lógica. Saindo de um início litúrgico-dêitico de maior predominância, o mundo partilhado com o divino até então, passa por transformações e altera-se de acordo com o autor, o cotidiano nórdico ganha outro funcionamento em meio a Idade do Ferro Tardia 450 EC – 750 EC.

Embora seja perceptível uma análise estrutural da obra, sob o arco temporal que *Price* aponta estar buscando explicar, contudo, é perceptível o objetivo do autor em focar na conjuntura que baliza o fim do século V e início do VI. Nesse recorte, ganham relevo os primeiros movimentos migratórios que operam uma reorganização geográfica desses grupos e fronteiras, de acordo com o autor são forjadas “novas identidades e etnias como resultado da adaptação e sobrevivência”². O Império Romano, uma vez que esteve inserido nesse contexto final de século V, teve para *Price*, uma participação direta na nova configuração geográfica dos nórdicos. O que se mostra crível na exposição ancorada em várias frentes analíticas.

Imbuído dessa tese e trazendo à baila aspectos compreendidos como posteriores ao século VIII, o autor assevera que a configuração já no século VI tem como aspectos basilares as dinâmicas centradas na casa comunal, no aumento das atividades comerciais³ e na vida centrada na fazenda⁴, todos defendidos por ele como partícipes da vida cotidiana em meio as transformações da Idade do Ferro Tardia. Conjuntamente com a exposição ancorada no diálogo interdisciplinar e pautado num amplo complexo de ferramentas, o autor defende que tais mudanças são resultados das combinações migratórias e das crises geológico-climáticas⁵ que se estenderam ao durante o século VI. Um dos casos apresentados são as erupções vulcânicas quase periódicas na década de 540 que alteraram o clima e a vegetação dos espaços hoje compreendidos como europeus, levando consequentemente a alterações espaciais, organizacionais etc., episódio conhecido como “*fimbulwinter*”.

Para ele, em resposta provocativa às defesas historiográficas que atestam já existir identidades formadas e grupos auto identificados no século VI, atenta que, apenas a Escandinávia foi coabitada por cinquenta grupos acima do Mar do Norte, ou seja, na península e seus arredores, inviabilizando qualquer estudo identitário nessas faixas geográficas sob altas tensões e intensas mobilidades. Vale ressaltar, por outro lado, que o autor faz um interessante adendo acerca das identidades e coloca-as como passível de maiores estudos. *Price* chama atenção para duas hipóteses sobre elas. A primeira

² PRICE, Neil. Vikings: A história definitiva dos povos do norte. 1ª ed. São Paulo, Planeta do Brasil, 2021.p. 111.

³ *Ibid.*, p. 114.

⁴ *Ibid.*, p. 117.

⁵ *Ibid.*, p. 124.

centra-se na autoidentificação, que para ele, ocorreu apenas no século IX, por volta de 880 quando nas crônicas anglo-saxônicas aparece a primeira noção prévia de pertencimento, mas de qualquer forma, ainda considerar as subjetividades que concernem a natureza identitária à época. Segunda hipótese, para ele, são os daneses como primeiro grupo da região setentrional que coesamente esteve sob o viés da identidade coletiva, grupal.⁶ Ou seja, à luz da operação historiográfica consiste no grupo que mais se aproxima desse ideário.

Finalizando o primeiro eixo e articulando os dois pontos destacados acima, *Price* defende que a organização sociocultural centrada na fazenda, família e aspectos comunais constituíram as novas dinâmicas sociais e códigos, forjando, dessa forma, uma identidade pessoal reforçada⁷ nessas práticas. A partir de então, somam-se novos elementos ilustrados pelo autor e que tornam ainda mais robustas as dinâmicas nórdicas de organização, sendo: o casamento por parentesco, a propriedade e a formação de elites e grupos ligados ao líder comunal, o desenvolvimento singular da logística náutica e bélica que levarão de acordo com o autor, a novos estágios desenvolvimento externo, modificando com isso as ações *vikings*. As piratarias, batidas, invasões e assentamentos são para ele, os produtos dessa nova organização.

‘O fenômeno *Viking*’, segundo eixo da obra, busca deveras ampliar ao longo dos cinco capítulos as compreensões existentes, e ao mesmo tempo, oferece novas perspectivas e abordagens no tocante as incursões, a diáspora e as agências dos guerreiros. *Price* traz à baila dois conceitos que lançam luz sob a cultura nórdica e suas dinâmicas: *maritoria e hidrarquia*. Inicialmente, o autor reitera alguns pesquisadores acerca das balizas tempo espaciais dos ataques e incursões, creditando as fases um natural escalonamento. A primeira dela consiste nos ataques *raiders*, batidas costeiras preenchidas pelo caráter exploratório, de mapeamento, e que, em maior ou menor medida tiveram desdobramentos resultantes em espólio e butim. A fase seguinte, corresponde ao século IX, no qual prevaleceu a pirataria mais sistematizada como forma de contato. O butim nessa altura é algo buscado e organizado, sobretudo, devido ao conhecimento das regiões costeiras e dos espaços interioranos no continente, altamente vantajosos também ao rapto de escravos e ao saque. Por fim, o autor credita ao momento dos contatos que tiveram de forma mais sistematizada com outros grupos, o motivo-mor para a acumulação de riquezas, as alianças, trocas e conseqüentemente possibilidades maiores para efetivar uma presença definitiva nesses espaços. O que de fato ocorreu em territórios largamente estudados como França, Inglaterra, Escócia, Irlanda entre outros.

⁶ *Ibid.*, p. 137.

⁷ *Ibid.*, p. 234.

No exercício de esmiuçar as agências e dinâmicas *vikings* que preencheram o recorte em questão, *Price* coloca em relevo os guerreiros como principais agentes desse processo além-mar do Norte, pois de acordo com o autor, são as evoluções bélicas e náuticas que começaram a reforçar um status, e posteriormente, um tipo de *ethos guerreiro*⁸ reforçado na identidade que galgava fama, riqueza, legado *pos-mortem* e ancorado na guerra. Assevera ainda que “ser guerreiro na Era *viking*, era status além de ações⁹”. Para ele, portanto, essa busca e em maior medida a mudança compartilhada coletivamente alterou o tecido social interna e externamente.

Além de construir essa percepção entre social e cultural, *Price* cunha um conceito caro para compreendê-los, o de *hidrarquia*, que subverte a lógica moderna de olhá-los como piratas no molde do século XVII e XVIII, centrados na figura de um monarca centralizado ou líder que sendo apenas pirata, praticava de igual maneira, apenas a pirataria. As forças que estavam dispostas no Mar do Norte eram multiétnicas e de várias regiões, levando assim a existir no máximo e no caso das incursões mais sistematizadas do fim do VIII e IX, a escolha de líderes de uma incursão específica, consensuado pela mesma tripulação que zarparia. O mar foi comungado por inúmeras bandas *vikings* e não presenciou única e exclusivamente a pirataria.

Estruturado para dialogar com o tema da *diaspora*, o autor elucida que o momento sociocultural das culturas nórdicas cotejava em meio aos processos descritos acima, uma oportunidade de migrar. Ou seja, o escopo dessas ações, em maior ou menor medida, visava a possibilidade de assentar-se em outros espaços, movimento que podemos observar ao longo dos séculos IX, X e XI com a conquista de assentamentos. O diálogo ensejado entre História e toponímia é destacado nessa altura pelo autor, mostrando as evidências nominativas desses agentes e sua presença nos espaços continentais desde a ilha britânica estendendo-se até a Rússia.

O terceiro e último eixo intitulado “Novos mundos, novas nações” tem como pano de fundo a argumentação desenvolvida pelo autor nos capítulos precedentes conectando-se com sua argumentação final. Para ele, a ‘Era *Viking*’ não pode ser compreendida como um recorte em que existiram e agiram apenas piratas marítimos, ou criadores de porco. Foram homens e mulheres que viveram além desses papéis sociais. *Price* argumenta em favor do processo científico interdisciplinar para compreender esses indivíduos e forjar novas compreensões mais apuradas e verossímeis. O recorte final do período *viking* deve ser entendido como de pleno desenvolvimento náutico, e, portanto, tecnológico, evidenciado pela madeira abundante como recurso florestal, bem como a

⁸ JESCH, Judith. *Ships and Men in the Late Viking Age: The vocabulary of Runic Inscriptions and Skaldic Verse*. First Published. Londres. The Boydell Press, Woodbridge, 2001, p.216.

⁹ *Ibid.*, p. 443.

criação de ovelhas (e não porcos), como assevera o autor em um dos pontos equivocados que são ventilados por uma parcela da historiografia e demais escritores (a Era *Viking* não foi uma paisagem de porcos).

Ilustrando dois aspectos finais da sua obra, o autor elucida questões que por vezes foram máximas de algumas análises, mas que hoje se confundem nas interpretações. Uma das defesas finais que o autor faz, é sobre a ideia de que mundo *viking* deve ser observado pela lógica que de fato teve, ou seja, um espaço comercial e cosmopolita. Sobretudo porque as atividades comerciais, náuticas e bélicas alteraram as dinâmicas internas e externas. A arqueologia assevera a presença de um sistema de escravidão nos grandes centros comerciais e urbanos do século IX como as regiões de *Birka*, *Hedeby* e *Ribe*. Assim como nota-se também o aumento do fluxo de prata nesses espaços, permitindo então, como faz *Price* inferir que o título que dá nome ao eixo ‘novos mundos, novas nações’ ganha fôlego em decorrência dessa abordagem.

A paisagem nórdica passou por alterações, as dinâmicas ganharam novos elementos àquela altura, sendo o cristianismo a partir das primeiras conversões dos reis escandinavos o principal elemento de modificação da sociedade *viking*. O autor fecha o longo arco proposto na obra defendendo que o cristianismo foi utilizado para acessar os ambientes régios e os governantes da Escandinávia. Em seguida, estes, imbuídos de uma forma de exercer o poder mais centralizada fizeram dessa prerrogativa uma aliada junto ao cristianismo. A religião cristã, por sua vez, viu nesse movimento uma ambivalência que permitia formar um pacto de ação, nesse sentido, os grupos abaixo dos reis assumiram a fé cristã pela influência derivada da adoção de seu monarca a uma nova liturgia. Pulverizando-se no tecido sociocultural, o cristianismo adentrou a Escandinávia e alterou-a, não atoa, como alega o autor ao encerrar a obra, estamos defronte ainda no século X e principalmente no XI de espaços fundados e ocupados por escandinavos, mas com a participação do cristianismo no agir e pensar. Vinlândia, Islândia e Groenlândia são produtos dessas interações.